

Saberes, coragem e ancestralidade: a experiência das mulheres indígenas de Oiapoque no enfrentamento à Covid-19¹

Claudia Renata Lod Moraes (Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão – AMIM/Amapá)

Rita Becker Lewkowicz (Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé/Amapá)

Palavras-chave: mulheres indígenas; pandemia; medicinal tradicional.

No município de Oiapoque, estado do Amapá e fronteira franco-brasileira, vivem os povos indígenas Galibi Kali'na, Palikur, Karipuna e Galibi Marworno em três Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, demarcadas e homologadas, compondo uma área contínua de 518.454 hectares. São povos com anos de contato e resistência, contra muitos desafios apresentados principalmente em nome do progresso, que buscam resistir e manter suas culturas e histórias para suas gerações, sem deixar de aprender os conhecimentos da sociedade envolvente para poderem combater os desafios que aparecem no dia a dia.

Este trabalho foi elaborado a partir dos relatos das mulheres e parteiras indígenas dos quatro povos que vivem no Oiapoque, compartilhados durante cinco oficinas realizadas no ano de 2018 e mais cinco oficinas realizadas em 2021 nas Terras Indígenas do Oiapoque², assim como da experiência de vida de uma das autoras, Renata Lod, do povo Galibi Kali'na.

As mulheres indígenas do Oiapoque e os seus conhecimentos

As mulheres indígenas desses povos são um exemplo de resistência e ensinamento, sempre mantendo a tradição na criação de seus filhos e na vivência do cotidiano de suas comunidades. Elas colaboram na manutenção das práticas e memórias

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Como será aprofundado mais adiante, as oficinas foram realizadas pela Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão – AMIM, nas Terras Indígenas do Oiapoque, ressaltando que o resgate e valorização desses conhecimentos e práticas essa tem sido uma das demandas e prioridades das mulheres indígenas de Oiapoque.

de suas culturas e histórias, buscando no dia a dia ensinar pelo exemplo as regras que mantêm suas sociedades vivas, transmitindo seus saberes e técnicas de sobrevivência, como: a roça, o plantio, a culinária, as técnicas de artesanato, a manutenção das suas línguas tradicionais, seus cantos, rituais, conhecimentos medicinais, cuidados com a saúde, rezas, enfim, tudo o que precisam para manter suas histórias e culturas vivas. As mulheres têm um papel importante em viver, ensinar e preservar a ancestralidade do passado, aprendendo também no presente, para construir seu futuro.

Entre todos esses ensinamentos estão as regras da maternidade e os cuidados com esse momento da vida da mulher, mas que também é de toda família (dos bebês, das crianças, dos homens e dos mais velhos) e das comunidades, que são assistidas e cuidadas por uma importante liderança: a parteira. A parteira é uma pessoa indispensável na vida e na história da humanidade. Entre os povos indígenas de Oiapoque, a parteira é a médica que cuida da mãe desde o primeiro momento que ela sabe que está grávida até o final de seu resguardo, quarenta e cinco dias após o nascimento do bebê, e segue cuidando, receitando remédios quando necessário para todos que dela precisam.

As parteiras indígenas de Oiapoque têm um trabalho de muitos e muitos anos de cuidado nas suas comunidades, junto com os pajés, são as médicas das comunidades fazendo o tratamento das pessoas que necessitam de cuidado da saúde, do corpo e do espírito. O trabalho da parteira vai para além de auxiliar no parto, além da responsabilidade de ajudar uma mulher trazer uma criança para o mundo. É um trabalho diário dentro da comunidade: elas são mães, conselheiras, enfermeiras e médicas. Se dedicam para apoiar e cuidar da vida da mulher, de seus filhos e de todos que a ela recorrem.

São detentoras de muitos conhecimentos, práticas, receitas, ritos, lugares sagrados e tradicionais. A importância da parteira dentro de uma comunidade tradicional, comunidade indígena e principalmente das comunidades distantes é algo que não conseguimos medir, mensurar, pois nas mãos dessas pessoas estão muitas vezes a responsabilidade da vida de outras pessoas.

Em certa medida, esses conhecimentos são transversais a todas as mulheres (e mesmo alguns homens) das comunidades. Geralmente em cada família há uma mulher mais velha de referência para esses cuidados. Mas algumas mulheres vão se

especializando e virando referência para outras mulheres, além de suas próprias famílias, assim que surge a figura da “parteira”.

As parteiras relatam que é um serviço de coração, pois dizem que é um dom com o qual se nasce e se aperfeiçoa na prática, durante os anos. É uma prática de fé e coragem, são guiadas pelos ancestrais, pela floresta e ervas. Os sonhos revelam receitas e práticas para o tratamento e o cuidado para cada pessoa e assim os conhecimentos são aprendidos e repassados para as gerações que seguem, assim se mantêm sempre vivas essas práticas, memórias e conhecimentos dentro das comunidades indígenas de Oiapoque.

Em muitos momentos os trabalhos das parteiras foram e ainda são desvalorizados por profissionais não indígenas que julgam os conhecimentos empíricos inferiores, inseguros e errados. Muitas vezes ouvimos profissionais principalmente da saúde criminalizar o trabalho dessas pessoas, acusarem as parteiras de provocar aborto, deformação nas crianças, sequelas nas mães e nos bebês como algo feito sem conhecimento. Dessa forma, deslegitimam todo um conjunto de conhecimentos que vêm sendo passado de geração a geração e praticado a eras não somente pelos povos indígenas, mas por diferentes sociedades.

Vemos isso como uma forma de “violência epistêmica”, que coloca um conhecimento (o ocidental, biomédico) como mais correto e legítimo do que o outro (indígena) e a partir disso, decorre um processo de preconceito e até mesmo criminalização das práticas tradicionais. As parteiras de algumas aldeias nos relataram o desafio de trabalhar junto às equipes de profissionais de saúde do DSEI³ e mesmo sobre a dificuldade de conseguir acompanhar as gestantes no hospital. Algumas delas inclusive desistiram de exercer o seu ofício de parteira na comunidade, devido as tantas situações em que seus conhecimentos e práticas foram deslegitimados perante a estas equipes. Outras parteiras ainda relataram que além de exercer seu trabalho, elas têm que lutar para enfrentar esse preconceito e garantir a presença da parteira nas instituições de saúde, como o posto de saúde, o hospital, entre outros. De modo geral, as parteiras apontaram que esses dois campos de conhecimento não são excludentes, eles podem ser complementares, desde que cada um seja respeitado.

³ Distrito Sanitário Especial Indígena

Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão - AMIM

Entre os povos indígenas de Oiapoque existe uma organização de mulheres, a Associação de Mulheres Indígenas em Mutirão – AMIM. A AMIM foi fundada em 2006, a partir do fortalecimento da organização coletiva das mulheres indígenas Karipuna, Palikur, Galibi Marworno e Galibi Kali'nã de Oiapoque/AP. Desde o princípio, a AMIM funcionou como uma articulação política, representando as mulheres indígenas e mantendo assembleias periódicas de reunião das associadas. A partir de 2016, a AMIM vem desenvolvendo diferentes projetos, em áreas temáticas diversas, mas com foco em fortalecer o protagonismo das mulheres, a valorização dos conhecimentos dos povos indígenas e lutar pela garantia dos seus direitos e territórios.

A AMIM vem buscando nos últimos seis anos fortalecer os trabalhos das parteiras, juntando mulheres de várias idades em rodas de conversas e oficinas de práticas tradicionais e ocidentais como forma de valorização desse trabalho tão necessário em todo tempo dentro das comunidades indígenas de Oiapoque. No ano de 2021, a AMIM desenvolveu um projeto de realização de cinco oficinas, nas diferentes regiões das Terras Indígenas do Oiapoque, com foco em promover trocas de conhecimentos entre as mulheres dos diferentes povos e de diferentes idades, buscando fortalecer a transmissão desses conhecimentos e valorizá-los. A moderação das oficinas foi realizada pelo médico indígena, Alceu Karipuna, trazendo também elementos das práticas biomédicas para intercambiar com as parteiras. Por fim, foi elaborada uma cartilha, com algumas das receitas e conhecimentos sistematizados a partir desse trabalho da AMIM⁴.

As oficinas envolveram em torno de 200 mulheres indígenas, de todas as idades, e os homens também participaram. Durante os encontros, as mulheres trocaram informações sobre o passo a passo do trabalho da parteira, como avaliar uma gestante, como orientá-la especialmente no primeiro filho. Explicaram as regras sobre a alimentação adequada, quais as atividades que se pode ou não realizar e como se comportar durante o resguardo para garantir a saúde de toda família. Também trocaram receitas de remédios à base de plantas, trocaram mudas para plantar em seus quintais ou

⁴ “NOSSO SABER: plantas medicinais e práticas tradicionais - Povos Indígenas do Oiapoque no combate à Covid-19”, AMIM, 2022.

“farmácias verdes” (como vem sendo chamando os canteiros de plantas medicinais), e indicaram os óleos e banhas mais usados e necessários para o seu trabalho. Houve momentos inclusive de demonstração das práticas de trabalho das parteiras como, por exemplo, o “*halê vã*” (na língua kheuol) – “puxar barriga” em português – para identificar e mesmo ajeitar a posição do bebê.



Figura 1: Oficina na Aldeia Santa Isabel, 2021.



Figura 2: Demonstração das práticas de trabalho da parteira na Aldeia Ahumã, 2021.



Figura 3: Chás, óleos, banhas e outros elementos usados para os remédios tradicionais, 2021.

Esses trabalhos vão além dos cuidados com a saúde e o bem estar das pessoas da comunidade, as parteiras também protegem nosso ecossistema, pois nas florestas estão as árvores que são necessárias para os remédios, assim como nos rios e nos animais, pois essas profissionais não receitam somente remédios, mas também o cardápio e a rotina para que assim possam ser tratados e curados o corpo, a mente e o espírito, pois os povos indígenas entendem que tudo está ligado, que somos parte de um só sistema: rios, florestas, animais e que devemos respeitar a tudo para que possamos ter equilíbrio e saúde. Nos seus cuidados, as parteiras sempre lembram as regras de respeito para que possamos manter nossa saúde, equilíbrio mental e espiritual, e a continuação dos povos indígenas, assim como a vida das florestas, rios e tudo que os cercam.

São avós, mães, filhas, médicas, enfermeiras, professoras e lideranças nas suas comunidades que zelam pelo bem viver do seu povo e pela continuidade da transmissão dos conhecimentos necessários da cultura, que infelizmente com o passar do tempo estão cada vez mais atingidos pela sociedade colonizadora. Esses conhecimentos e técnicas correm o risco de desaparecer encobertos pelos conhecimentos e tecnologias ocidentais. Mas as parteiras estão lutando para manter viva essas memórias, técnicas e conhecimentos que tem muito a contribuir para o mundo todo, inclusive.

Elas buscam a muito tempo, junto com suas comunidades e a AMIM, o reconhecimento de seu trabalho pelos órgãos de saúde do município e do estado, para que possam receber um benefício financeiro, pois dentro de nossas aldeias elas trabalham de forma voluntária. A importância das parteiras para as suas comunidades equivale a dos profissionais de saúde que são remunerados pelos órgãos de saúde, mas esse trabalho não vem sendo reconhecido.

A pandemia da Covid-19 entre os povos indígenas do Oiapoque

A pandemia da Covid-19 impactou significativamente os povos indígenas do Oiapoque, refletido em elevados números de casos confirmados e suspeitos. Segundo as organizações indígenas da região, foram mais de 2 mil casos confirmados de Covid-19 entre a população indígena do município de Oiapoque (até 2022), dentre os quais, aproximadamente 25 óbitos. A chegada do novo coronavírus nas Terras Indígenas foi recebida com muito medo e preocupação pelas famílias⁵. As lideranças acordaram medidas sanitárias de isolamento e de redução dos deslocamentos para a cidade, mas a vulnerabilidade da população indígena ficou ainda mais evidente, pela precariedade da infraestrutura da saúde pública nas aldeias.

Os saberes, cuidados, técnicas e receitas das parteiras foram fundamentais para a sobrevivência dos povos indígenas de Oiapoque durante o período tão sombrio da pandemia. Muitas das comunidades indígenas não tinham nem acesso a remédios para febre nos postos de saúde de suas aldeias, mas foram os banhos, chás, emplastos, óleos e banhas que trataram os indígenas e evitaram maiores perdas.

Nas oficinas realizadas pela AMIM, um momento era dedicado aos relatos do trabalho das parteiras durante a pandemia. Elas relataram que além da falta de assistência das políticas públicas, o medo da contaminação era algo muito forte. As notícias sobre a chegada da pandemia no estado do Amapá foram preocupando cada vez mais as pessoas, até o primeiro caso ser confirmado nas terras indígenas. Entretanto, as parteiras relataram que com base no seu dom, na coragem que tem para realizar um parto, também precisaram ter muita coragem para enfrentar o desconhecido, superar o medo da pandemia, pela

⁵ Inclusive foi elaborada uma publicação que reúne 100 relatos indígenas sobre a pandemia da Covid-19, "Fala parente: a Covid-19 chegou entre nós", pode ser acessado em: <https://institutoiepe.org.br/2022/05/fala-parente-a-covid-19-chegou-entre-nos/>.

necessidade e vontade de ajudar os doentes em suas comunidades. Buscaram em seus conhecimentos ancestrais, associados às formas com que conhecem e vivem o território, meios para enfrentar a covid-19 nas suas aldeias.

Relataram também que a redução da ida para a cidade fez com que mais gente procurasse a parteira, tanto para os cuidados com os acometidos pela covid, quanto para os cuidados com as gestantes. Houve uma procura maior pelas parteiras, pelos conhecedores tradicionais e pelos tratamentos com plantas medicinais.

Mas além dos efeitos na saúde, a pandemia também trouxe impactos para a organização social, movimento indígena e para a gestão dos territórios. No período da pandemia, houve uma aceleração e multiplicação de atividades ilícitas dentro das terras indígenas do Oiapoque, especialmente do garimpo ilegal. Atribuímos este fato à ausência das reuniões e ações coletivas de vigilância realizadas pelo movimento indígena local, à redução da presença das instituições governamentais e não governamentais nos territórios e à conjuntura política nacional, estimulando ações predatórias na Amazônia.

Frente a este contexto, a AMIM buscou mobilizar as mulheres para atividades de geração de renda que não gerassem impacto sobre o território, como por exemplo: o trabalho com plantas medicinais, a comercialização de produtos das roças e artesanatos, e, ainda, apoiou a instalação de ateliês de costura nas aldeias para a produção de máscaras, bolsas, camisetas e outros produtos, decorados com grafismos indígenas com base também no aprendizado de uma nova técnica – da serigrafia. Essa experiência foi bastante positiva, tanto no sentido de reunir as mulheres em uma atividade comum, quanto de gerar renda para as suas famílias – oferecendo assim uma alternativa a outras atividades ilícitas e predatórias.

Considerações finais

Vimos, ao longo dos últimos anos, que as mulheres indígenas do Oiapoque têm tido um papel importante no enfrentamento aos desafios que acometem os seus territórios e populações. Tanto na política cotidiana do âmbito doméstico-familiar, nos cuidados com os familiares e no trabalho das parteiras, quanto na política institucional – ocupando cargos de liderança nas organizações indígenas do Oiapoque (em 2022, a primeira mulher assumiu um cargo na diretoria do Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do

Oiapoque – CCPIO) e até mesmo na Câmara Legislativa Municipal (hoje com uma mulher jovem indígena como vereadora) procurando colocar em pauta as reivindicações do movimento indígena.

Nesse sentido, pensamos que este trabalho contribui para pensar sobre as diferentes formas de atuação das mulheres indígenas durante a pandemia da Covid-19: as parteiras em suas comunidades, a associação de mulheres realizando ações nas aldeias e a ocupação de cargos de liderança em espaços da política institucional. Vemos a importância das mulheres não só nos cargos que estão ocupando, mas a pandemia deixou muito evidente a coragem de todas: avós, mães, pajés, parteiras, agindo pela sobrevivência de seu povo e comunidades. Esse cenário demonstra um campo amplo dos conhecimentos das mulheres indígenas do Oiapoque e de como as mulheres mobilizam esses conhecimentos para enfrentar os novos desafios que surgem em seus territórios.

Referências bibliográficas

AMIM – Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão. NOSSO SABER: plantas medicinais e práticas tradicionais - Povos Indígenas do Oiapoque no combate à Covid-19. Oiapoque: AMIM, 2022.

LEMKOWICZ, Rita Becker. A hora certa para nascer: um estudo antropológico sobre o parto hospitalar entre mulheres mbyá-guarani no sul do Brasil. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

LOD MORAES, Cláudia Renata. AMIAKÔ WOLĬ MEDELA NEÍ AMIAKÔ NIMÜDAI ELOMEM A transição de menina para mulher e a menstruação como rito de passagem entre os Galibi Kali'na. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá. Oiapoque. 2018.

SANTOS, Ariana dos. As índias vão à luta: A trajetória da Associação das Mulheres Indígenas em Mutirão e sua contribuição para o movimento indígena do Baixo Oiapoque. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá. Oiapoque. 2016.